

* Artigo Original

Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados

Media, communication and information devices in information appropriation: conceptual and empirical elements from intersecting perspectives

Regina Marteleto

Doutorado em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, ECO/UFRJ. Grupo de Pesquisa Cultura e Processos Info-comunicacionais (Culticom), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, PPGCI/Ibict-UFRJ

regina.mar2@gmail.com

Viviane Couzinet

Doutorado em Sciences de l'Information et de la Communication, Université de Bordeaux III. Grupo de Pesquisa Médiations en Information et Communication Spécialisées/MICS, Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales/LERASS, Université Paul Sabatier, Toulouse 3

viviane.couzinet@iut-tlse3.fr

DOI: 10.3395/reciis.v7i2.810pt

Resumo

Mediação e dispositivo são conceitos que marcam presença na França e no Brasil, em pesquisas e práticas das Ciências da Informação e da Comunicação, aliados a um pensar sobre os elementos culturais, humanos, técnicos e institucionais componentes dos processos de construção e apropriação dos saberes nas esferas da ciência, da cultura e da sociedade. A partir de um quadro inicial de conceitos e questões, o artigo considera dois dispositivos de informação e comunicação para a apropriação social de conhecimentos e as mediações que os configuram: a revista profissional – elo de interligação entre os saberes da teoria e da prática – e o almanaque – configuração dos diálogos e estranhamentos entre múltiplas formas de saberes em processo compartilhado de produção e apropriação de conhecimentos. Considera-se que a formação compósita do campo da saúde e suas múltiplas dimensões : epistemológica, política, biológica e social, requerem uma complexa agenda de questões contextuais, teóricas e práticas para alcançar o entendimento dos dispositivos e das mediações info-comunicacionais que agem na saúde. Conclui-se sobre a relevância da reflexão em torno dos dispositivos de informação e comunicação em saúde no contexto atual das tecnologias e da abundância informacional, levando em conta as relações que podem se estabelecer entre os dispositivos técnicos e as práticas sociais de informação e compartilhamento de saberes, o que demandaria a adoção de uma postura cultural diante das inovações técnicas.

Palavras-chave: Dispositivo; Mediação; Informação; Comunicação em saúde; Documento; Saúde.

Abstract

In France and Brazil, the research on and practices of information sciences and communication include the concepts of media and device. These concepts are coupled with perceptions from the cultural, human, technical and institutional elements that comprise information organization and gathering in science, culture and society. Using an initial framework comprising concepts and questions, this article considers two information and communication devices for socially gathering information and media that shape such information. Such devices include professional journals, which provide a link between theoretical and practical information, and health care almanacs, which comprise dialogue and debates over multiple forms of information to produce and collect information through a collaborative process.

The health care field and its multiple dimensions (epistemological, political, biological and social) presumably require complex contextual, theoretical and practical questions to understand the information-communication devices and media used in health care. Thus, we conclude that understanding health care information and communication devices is important given the current abundance of technology and available information and the relationships between the technical devices and social practices used to share information, which require adopting a cultural attitude toward technical innovations.

Key words: Device; Mediation; Information; Communication; Document; Health Care.

Introdução

O Bem e o Mal eram pequenos distúrbios tingindo a informação.
Coisa para pintores, não para Inspetores.
(Arthur Omar, A Lógica do Êxtase)

O artigo pretende cartografar certos caminhos teóricos e empíricos de emprego de dois conceitos – mediações e dispositivos – para refletir sobre a informação e a comunicação nos processos de apropriação de conhecimentos em saúde. Para esse fim recuperam-se fundamentos teóricos de formulação dos conceitos e, em seguida, extratos de estudos conduzidos por dois grupos de pesquisa: Médiations en Information et Communication Spécialisées (Mics), vinculado ao Laboratoire d'Etudes et Recherches Appliquées en Sciences Sociales (Lerass), Université Paul Sabatier, Toulouse 3 ; Cultura e Processos Informacionais (Culticom), associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Ibict/MCTI, em convênio com a Escola de Comunicação - Eco/UFRJ.ⁱ

Mediação e dispositivo são conceitos que marcam presença na França e no Brasil, em pesquisas e práticas das Ciências da Informação e da Comunicação, aliados a um pensar sobre os elementos culturais, humanos, técnicos e institucionais componentes dos processos de construção e apropriação dos saberes nas esferas da ciência, da cultura e da sociedade. O primeiro, mediação, existe filosoficamente para nomear:

a ação de servir de intermediário ou mediador entre dois termos. Na dialética hegeliana indica a antítese ou negação, meio de passagem da tese à síntese...; ou também o conjunto do processo ternário Já mediatizar conota

dois novos sentidos, mais modernos : a) servir de mediador, de intermediário ou de meio, principalmente para fazer conhecer; b) fazer mediato o que é imediato, introduzindo um intermediário : o quadro do paisagista mediatiza uma paisagem que podemos contemplar (FOULQUIÉ, 1967, p. 630).

Nos estudos da informação e comunicação a noção de mediação veio se transformando nos últimos anos, passando da idéia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais. Nas ciências sociais, sociólogos da cultura e das instituições, como P. Bourdieu (1983), passaram a abordar as mediações não como uma transmissão voluntária de ideias, mas enquanto um processo de interiorização de normas e de comportamentos atuante por meio de um « sistema de nomeações e de posições sociais », conduzindo os sujeitos a adotarem certas práticas como se elas fossem naturais.

A partir dessa perspectiva crítica, numerosos estudos centrados nas figuras do receptor (comunicação) ou do usuário (informação) iniciaram novas abordagens, nas quais múltiplos atores e objetos são considerados numa cadeia extensa de mediações diversas, capazes de criar solidariedades e compartilhamentos em redes sociais (JEANNERET, 2005). Outro ponto relevante foi a amplitude da abordagem do objeto no campo da informação : antes limitado ao estudo da « informação científica » e seus processos de transmissão, novos estudos passaram pouco a pouco a incorporar outras práticas por meio das quais os saberes e as informações são produzidos e apropriados socialmente, compreendendo a riqueza e a dimensão criativa dos mediadores enquanto atores da transformação cultural e a importância das mediações na instituição da cultura e da sociedade. A mediação, nessas novas abordagens,

... é também o que distingue uma sociedade de uma simples coleção de indivíduos, é um « terceiro » simbólico (conjunto de valores, de práticas compartilhadas, de lugares de memória) que de uma certa forma transcende o cotidiano das trocas (JEANNERET, 2005, p. 106).

O termo dispositivo etimologicamente se relaciona ao direito, e concerne ao « enunciado final de um julgamento que contém a decisão do tribunal », ... depois ele passou para a linguagem militar para designar o conjunto de meios dispostos de acordo com um plano (1797, dispositivo de defesa) ; seu sentido corrente « maneira como são dispostos os órgãos de um aparelho (por volta de 1860) deu origem ao sentido figurado de agenciamento ». Diferentemente do termo disposição, « ...ele é relativamente independente do verbo dispor » (REY, 1995, p. 613). A partir dessas definições pode-se considerar que um dispositivo é essencialmente um agenciamento de elementos o qual apresenta, também, a particularidade de estar fundamentado em uma intenção de articular meios em função de uma finalidade, « ... ela própria ligada a uma situação que exerce constrangimento e impõe limites » (COUZINET, 2011, p. 118).

Um dispositivo é, portanto, algo inscrito em um projeto, tendo uma missão ou finalidade a cumprir, numa situação particular, o que representa a sua força fundante e razão de ser, tanto quanto as limitações que pesam sobre os seus objetivos. Por outro lado, não é algo isolado, e encontra-se interligado a outros objetos da mesma natureza que lhe precedem ou sucedem, fazendo assim parte de um conjunto de objetos, todos eles atuando também como dispositivos. (METZGER, 2002). Para estudá-los é necessário desembaraçar os elos que os compõem e exercem uma força sobre o conjunto assim constituído (COUZINET, 2009) levando em conta as suas dimensões - técnica e social - constituídas por elementos, indivíduos e conjuntos técnicos, que se complexificam quanto mais dependem da intervenção humana (SIMONDON, 1989).

Para estudar os dispositivos e mapear as zonas de mediações presentes em sua constituição é relevante considerar que o dispositivo info-comunicacional está associado aos quadros de ação dos sujeitos que o constituem, inseridos em determinadas estruturas e redes de relações e limitações que circunscrevem os usos e as apropriações dos conhecimentos, das técnicas e das informações. Nesse âmbito, é relevante indagar a respeito dos sujeitos e como eles intervêm na construção ou na desconstrução dos dispositivos enquanto uma rede de elos sociais que ligam o produtor da informação, aquele que permite a circulação por meio de artefatos técnicos, o que intervem para facilitar a sua difusão, e aquele que se apropria da informação. Um dispositivo info-comunicacional apoia-se numa rede, ou « estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (BAREL; CAUQUELIN, 1993, p. 274).

Ao se relacionarem os conceitos de mediação e dispositivo aos processos de informação e comunicação para a apropriação dos conhecimentos, pode-se imaginar que os saberes, na sua organização abstrata e geral, tomam a forma de uma rede, à qual as tecnologias modernas de organização e arquivamento podem conferir uma realidade concreta e palpável. No entanto o saber, enquanto a materialização informacional de conhecimentos reunidos em diferentes corpus, não representaria mais do que uma pequena parcela do sistema geral de produção de conhecimentos, hoje formado por elementos plurais e heterogêneos: discursivos, tecnológicos, sociais, materiais e simbólicos (PARROCCHIA, 1993; MARTELETO, 2007).

A partir da expansão desse quadro inicial de conceitos e questões, nesse artigo serão considerados dois dispositivos de informação e comunicação para a apropriação social de conhecimentos e as mediações que os configuram : a revista profissional – elo de interligação entre os saberes da teoria e da prática - e o almanaque – configuração dos diálogos e estranhamentos entre múltiplas formas de saberes em processo compartilhado de produção e apropriação de conhecimentos.

Os estudos nos quais se apóia o artigo têm como referente contextual e empírico a mudança paradigmática que se observa em relação às práticas e políticas de saúde na globalização, o que indica a necessidade de um agir interdisciplinar alinhado à sistematização e à difusão de conhecimentos, capaz de levar em conta os processos informacionais e comunicacionais que configuram os múltiplos significados sobre o que representa viver de maneira « saudável e correta », sobretudo em sociedades onde os recursos de saberes e tecnologias em saúde são disponibilizados e utilizados de maneira desigual, num contexto de crescente mercantilização dos cuidados e da assistência. Considera-se, no mesmo plano, a formação compósita do campo e suas múltiplas dimensões : epistemológica, política, biológica e social, o que requer uma complexa agenda de questões contextuais, teóricas e práticas para alcançar o entendimento dos dispositivos e das mediações info-comunicacionais que agem na saúde.

Mediação, midiatização

Estudiosos de uma formulação crítica das interações humanas e dos fluxos informacionais nos tempos atuais refletem se as « sociedades da informação » seriam sociedades sem mediação, ou seja, imediatas e diretas, onde os contatos dependeriam cada vez menos de intermediários humanos, a partir do avanço crescente das mutações tecnológicas. O quadro de fundo desse cenário poderia ser resumido em algumas indagações gerais:

...qual é o destino que tais sociedades tentam dar a todos os intermediários por meio dos quais vivem hoje a cultura e a cidade : os editores, os professores, os bibliotecários, os divulgadores, os guias, os militantes e os representantes por meio dos quais as ideias se propagam e se entrecrocaram ? Eles devem desaparecer, perdurar, mudar? Uma democracia sem mediadores

seria ainda uma democracia ? Por que seria preferível aos homens vivendo em sociedade dispensar aqueles dentre eles que se dedicam a religar, representar e confrontar os outros homens entre si? (JEANNERET, 2005, p. 105)

Entretanto, as sociedades do tempo presente parecem conviver com um paradoxo: ao mesmo tempo em que as mediações são rejeitadas pelas utopias tecnológicas, o termo « mediação » é empregado correntemente e numa amplitude sem precedentes - no discurso científico, das mídias, na ação cultural, na vida urbana. O sucesso do termo parece chamar a presença de um intermediário ou « terceiro », indicando a complexidade de certos fenômenos, mais do que um conteúdo definido. (JEANNERET, 2005, 2007). Para refletir sobre o paradoxo das mediações será necessário explorar certos elementos do fenômeno, passando pelas ideias de midiatização e documento, para em seguida retornar ao termo mediação.

Em geral a midiatização reporta-se à emergência e ao desenvolvimento de fenômenos técnicos que se transformam em mídias, com uma presença forte e acelerada na sociedade, transformando os processos sócio-técnicos-simbólicos de produção, circulação e recepção de mensagens e informações. Uma visada socioantropológica para entrever a diferença entre a « sociedade das mídias » e a « sociedade de midiatização », indicaria que na primeira as mídias estavam a serviço da organização de um processo interativo sobre o qual elas teriam uma autonomia relativa, face à existência de outros campos. Na segunda, a cultura midiática se transforma em referência sobre a qual se estabelece a estrutura sócio-técnica discursiva que produz « zonas de afetação » sobre diversos níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade (FAUSTO NETO, 2007 ; VERÓN, 1998). Anteriormente as mídias seriam o lugar, na sociedade global, onde existiria um « trabalho » sobre as representações sociais. (VÉRON, 2004). No entanto, as mídias perdem esse lugar « auxiliar » para se constituir numa referência que se engendra no próprio modo de ser da sociedade e nos processos e interações entre as instituições e os atores sociais :

a expansão da midiatização como um ambiente, com tecnologias que fixam as novas formas de vida, onde as interações são afetadas e/ou reconfiguradas pelas novas estratégias e formas de organização, recoloca todos – produtores e consumidores – numa mesma realidade, a dos fluxos que permitem conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo. (FAUSTO NETO, 2007, p. 93)

É importante para essas digressões em torno dos conceitos, lembrar o alcance do termo « midiatização » em relação a « mediação ». Este último se distingue também de « interação », um dos níveis do processo mediador. De fato, em todas e não importa quais culturas existem mediações simbólicas como a linguagem, o trabalho, as leis e muitas outras. Está inscrito na palavra « mediação » o sentido da ação de estabelecer elo ou fazer comunicar duas partes – o que supõe diferentes tipos de mediação – mas que, na verdade « ...decorrem de um poder originário de estabelecer distinções, a partir de um lugar simbólico, fundador de todo o saber. A linguagem é então considerada como mediação universal ». A midiatização, por outro lado, refere-se a uma ordem de mediações socialmente realizada, no sentido da comunicação entendida como processo informacional, conduzido por organizações e empresas com forte acento sobre um tipo particular de interações – a « tecno-interação » (SODRÉ, 2002, p. 21).

No contexto latino-americano, uma vertente de compreensão da mediação associa o fenômeno às culturas populares, ao formular como um dos seus eixos principais o deslocamento dos meios às mediações (MARTIN-BARBERO, 1997) e os processos de hibridação cultural (GARCIA CANCLINI, 1997). Um substrato importante dessas análises refere-se ao fato de que as transformações culturais produzidas pelas tecnologias, as mudanças na produção e na

circulação simbólica não se encontram associadas exclusivamente aos meios de comunicação (as mídias). É preciso por isso deslocar as unidades de análise para entrever tanto uma « cultura popular latino-americana », quanto as novas construções e hibridações de sentidos, imagens e linguagens nas cidades modernas. A comunicação midiática aparece, nesse caso, como :

...parte das (des) territorialidades e (re) localizações provocadas pelas migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana ; do campo de tensões entre tradição e inovação, entre a grande arte e a cultura do povo; do espaço no qual se reinscreve o público e o sentido da democracia. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 64)

Essa compreensão das mediações na América Latina foi construída no lastro dos estudos culturais (cultural studies) de origem inglesa. A contribuição mais importante desses estudos foi a análise crítica das indústrias culturais e dos aparelhos ideológicos de Estado, o que resultou em reflexões e ações sobre a influência dessas indústrias e aparelhos na formação cultural das classes populares e dos grupos minoritários. Essa linha de estudos levou também a uma problematização mais complexa da recepção, uma vez que as características dos usuários são consideradas nas análises, não apenas no plano da difusão, mas como circulação de mensagens no âmbito de uma dinâmica cultural. O ângulo das análises se deslocou progressivamente dos meios em direção aos grupos sociais e suas práticas culturais e sociais, ademais de sintonizarem com estudos sobre a educação e a cultura popular, além das análises sobre o neocolonialismo (ALMEIDA, 2008 ; LOPES, 2007).

Nas Ciências da informação e da comunicação na França, onde o conceito de mediação encontra-se presente de forma expansiva, um estudo com fundamento na literatura da disciplina mostrou três tipos de uso do termo, a partir do modo como os autores o empregam : a) de forma incidente, na qual o uso mais corrente refere-se à ação de servir de intermediário para facilitar a comunicação ; b) com uso operatório para designar, descrever ou analisar um processo específico na mediação midiática, pedagógica, cultural, institucional ou no uso das tecnologias ; c) com o objetivo de obter uma definição teórica para a mediação, como objeto filosófico e como objeto científico. Esses diferentes usos e definições do conceito revelam, como elemento comum, a importância do elemento terceiro, no lugar de apenas duas partes que interagem, comunicam ou trocam informação, como a marca distintiva da ideia de mediação (DAVALLON, 2004).

Documento, documentação

As noções de documentação e documento permitem a introdução de outra via reflexiva complementar ao entendimento das mediações na perspectiva da construção e uso dos saberes. Nesse sentido, a utilidade social dos saberes e sua capacidade de se transformar em recurso para outros atores externos ao campo científico constitui um dos eixos centrais de reflexão sobre os processos de apropriação social de informações e conhecimentos. Um pressuposto geral apoia a ideia de apropriação : não existe uma via unidirecional a ser percorrida, mas a instauração de diálogos entre uma pluralidade de atores, discursos e práticas presentes no contexto de um mercado simbólico reconfigurado pelas novas mídias e por relações de força e poder no espaço das sociedades do conhecimento, comunicação e informação.

No lastro da tradição da documentação francófona de Paul Otlet e Henri La Fontaine do começo do século XX, retoma-se a noção de documento como uma « ...matriz na qual a informação, o conteúdo são formatados no plano comunicacional » sendo ele, ao mesmo tempo, « o suporte que permite a sua circulação ». Dessa forma, o suporte que fixa o conteúdo não é inerte, ele

age sobre a informação. (COUZINET, 2008, p. 57). Para movimentar o conceito de documentação/documento no contexto das mediações é relevante estabelecer o elo entre a análise do contexto social emergente e a análise das mídias que veiculam os saberes, os conteúdos que elas difundem e as formas de escritas empregadas para permitir a sua apropriação. A noção de documento e sua (re) significação atual conduzem a uma (re) definição dos processos de comunicação na ciência, para alcançar as relações entre os pesquisadores e os espaços mais ampliados da divulgação e da difusão de conhecimentos para a sua apropriação social. É necessário, dessa forma, repensar o documento como um objeto polimorfo, em mutação permanente.

Para realizar essa reatualização do documento e de suas dimensões sociais, leva-se em conta a fundamentação das práticas sociais onde se inscrevem os documentos, tanto em suas dimensões mono-técnicas, quanto socio-econômicas, socio-políticas e socio-semióticas, para além da noção de suporte, que lhe é inerente. Esse foco de abordagem traria como deriva « ... a percepção das engrenagens de uma mediação que não se reduz a uma simples interface, mas aprofunda a análise em relação às práticas e as representações que acompanham o documento numa sociedade composta de elos e clivagens » (COURBIÈRES ; REGIMBEAU, 2006, p. 4-5). A questão central para entender os processos de informação e comunicação nas sociedades de hoje não se refere aos fluxos ou à fluidez da informação, mas ao retorno à questão inicial e fundante dos estudos desse campo: O que « faz informação » em algum lugar, para alguém ? (COTTE ; DESPRÈS- LONNET, 2006) porque se trata, por evidência, de compreender o papel dos atores na atribuição de um sentido contextualizado ou, de acordo com Meyriat (1981), é a questão enunciada, logo a informação procurada, que faz o documento, enquanto a informação é tributária da situação na qual se encontra o sujeito.

A noção de documento, portanto, relaciona-se à sua "condição de informatividade", ou seja, às suas possibilidades de informar. A informatividade, mais do que a informação, permite entrever o jogo intertextual que caracteriza os processos de recepção, determinando os critérios de relevância para que algo seja considerado informativo: "A capacidade de um documento ser informativo implica o aspecto pragmático do objeto informacional, à medida que revela o caráter social e simbólico da informação e, conseqüentemente, os ambientes e as situações concretas de uso"(ORTEGA; LARA, 2010) . Dessa forma se justifica e retomada da noção de documento e das questões relativas aos suportes da informação e das suas formas, para alcançar a variedade e a complexidade de suas materialidades, apropriações e usos nas práticas sociais.

As três noções - mediação, mediação e documento - demonstram que existem múltiplas mediações e usos quando se trata de práticas info-comunicacionais em meios culturais. No contexto mundializado de informações fluidas e comunicações etéreas, assinala-se a propriedade histórica, teórica e metodológica da inscrição dos sentidos e das maneiras de ser dos saberes e dos conhecimentos no terreno da cultura, na medida em que esta última não seja entendida tão somente como tesouro constituído, mas como uma reapropriação dos enunciados que circulam, são identificados, nomeados e considerados dignos de interesse para diferentes sujeitos em seus contextos sociais.

Dispositivo

O uso do conceito de dispositivo nas ciências sociais encontra sua origem na formulação feita por M. Foucault, em meados dos anos de 1970. Em uma citação hoje canônica, o autor entendeu o dispositivo como a "rede" que é possível traçar entre os diferentes elementos de:

um conjunto deliberadamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regimentais, leis, medidas

administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: tanto o dito, quanto o não-dito (FOUCAULT, 1977, p. 207).

É uma formação histórica específica, originada no jogo entre esses diferentes elementos heterogêneos. Foucault distingue dois momentos relevantes na gênese dos dispositivos. Primeiro, um dispositivo é colocado em prática para preencher uma “função estratégica” dominante, quase sempre para responder a uma urgência. Segundo, o dispositivo sobrevive à intencionalidade e às visões que orientaram sua invenção e operacionalidade. Nesse sentido, mais do que o lugar de inscrição de um projeto social total com conotação normativa e disciplinar, os dispositivos precisam ser considerados como recursos para a ação, em perpétua reconfiguração, e não apenas enquanto mecanismos disciplinares e de controle (FOUCAULT, 1977, BEUSCART; PEERBAYE, 2006).

Logo, o conceito pode ser estudado e empregado para entender os arranjos técnicos de informação e comunicação e, neles, o papel indispensável de redes heterogêneas na produção de saberes, de relações de poder, de subjetividades e de objetividades. Para tanto, é necessário estudar os dispositivos como formações históricas específicas e de natureza essencialmente estratégica. (AGAMBEN, 2007). É algo que acontece em sua operacionalização e não pode ser definido a priori por sua intenção e direção, e nem “possui a neutralidade que o torna um instrumento para qualquer orientação ou intenção posterior...Um dispositivo, como aquilo que se define em seu campo de operação, possui, porém, desde seu início, regras de formação e transformação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999).

A noção de dispositivo assim proposta por Foucault, como agenciamento de elementos funcionando conjuntamente, exprime a sensibilidade ao elo e a necessidade de um projeto cujo resultado, perenidade e força só podem existir no coletivo. No entanto a análise implica em isolar cada elemento para entender como, condicionados uns aos outros, cada um tem um papel definido, inscrito na complementariedade, para proporcionar ao dispositivo a sua coerência. A complexidade do dispositivo situa-se na sua montagem. Os dispositivos técnicos, por exemplo, considerados frequentemente como um grupo de máquinas interligadas por cabos, tubos e fontes de energia tais como a água ou a eletricidade, apresentam-se como objetos materiais. Entretanto, da mesma forma fazem parte desse emaranhado os *savoir-faire* dos humanos que comandam e entretêm os dispositivos. Logo existem máquinas, ferramentas e homens (COUZINET, 2009) estabelecendo relações “de maneira interdependente” (PEETERS; CHARLER, 1999). O *savoir faire* investido pelos humanos na concepção das máquinas foi elaborado lentamente, construído por gestos aprendidos de seus antecessores, apropriados, aperfeiçoados e adaptados a diferentes situações. A complementariedade induz a aprendizagem do seu funcionamento, enquanto este último, pela adaptação e a necessária revisão das práticas, leva a um aumento das competências.

Pode-se dessa forma afirmar que um dispositivo teria uma ambição cognitiva, um caminho que foi trilhado na França, por exemplo, no contexto das estruturas de apoio ao ensino (FABRE, GARDIÈS, 2009; FRAYSSE, 2009). A multiplicidade de contextos possíveis e de formas de dispositivos, ou mesmo de suas múltiplas combinações, levou a que se estudasse a sua dimensão comunicacional, como também a sua dimensão informacional na divulgação científica no domínio da história (COUZINET, SENIE-DEMEURISSE, 2009). É possível formular a questão segundo a qual, se um dispositivo tem a intenção de fazer saber, como uma mídia, por exemplo, essa intenção é indissociável do conteúdo. Este último, em cujo âmbito a informação encontra-se latente, constitui também uma razão de ser do dispositivo.

Dessa forma, um documento, escrito ou outro, pode ser analisado como um dispositivo. Em relação ao documento escrito, por exemplo, é possível analisar sua cadeia de produção como

fábrica de um gênero de texto - uma narrativa de aventura ou um romance - como produção de um suporte especial, e estudar todas as operações úteis para chegar à obra como resultado. No caso de um documento especializado em saúde, por exemplo, é possível analisar todo ou parte do dispositivo documentário que permite o compartilhamento de saberes, sejam eles elaborados pelos cientistas, fundados na tradição ou adquiridos pela experiência.

Dispositivos e mediações info-comunicacionais no compartilhamento do conhecimento

A fim de complementar a reflexão teórico-conceitual iniciada, serão apresentados dois dispositivos de informação e comunicação: 1) a revista profissional, produzida nas « mediações híbridas » (COUZINET, 2001) entre o campo científico e o campo da prática; 2) o almanaque, gerado de forma compartilhada entre os saberes da ciência, as mídias de massa e os saberes práticos, históricos e populares (MARTELETO, 2006). Trata-se de considerar esses dispositivos em seus processos históricos e contextuais de produção, e também de interrogar sobre a sua utilidade social e simbólica enquanto instrumentos de informação-comunicação que configuram certos « gestos documentais e editoriais » que orientam a construção dos sentidos pela relação entre os textos, os dispositivos técnicos que os mediatizam e os usos que concedem a sua forma social (DAVALLON, 2012).

Revista profissional

Um estudo em curso, inserido na linha de pesquisa sobre as mediações de informação e comunicação especializadas, concerne as revistas profissionais como dispositivo de compartilhamento de conhecimentos (COUZINET ; MAROUKI, 2013). Trata-se de estabelecer, a partir de pesquisas conduzidas em ciências da informação e da comunicação, as características essenciais da revista utilizada no contexto do trabalho de profissionais, e de precisar o seu papel mediador. A comparação entre três domínios – agricultura, documentação e medicina permite perceber alguns traços comuns. No presente recorte não será considerado o conjunto do estudo, apenas recuperadas certas análises sobre a produção de escritos, que serão ilustradas por exemplos do domínio da medicina.

Na França estabeleceu-se uma lista dos tipos de escritos produzidos no contexto do trabalho (CHANTRAINE, 1992). Dentre eles pode-se reter os seguintes: a) os escritos que visam fornecer aos membros da profissão certas representações da atividade, ou a interferir na prática, seu contexto, seus meios, seus pontos de referência; b) aqueles tendendo a inserir as experiências específicas no espaço discursivo comum; c) e outros tendendo a fazer reconhecido no campo científico ou político o que foi percebido como « adquirido » na prática ou a elaboração técnica de meios e referências da prática. Fundamentados nesses três tipos de elementos pode-se elaborar níveis variados de análise.

Em primeiro lugar, a escrita sobre a prática é particularmente interessante porque permite um retorno à experiência. Ela explica a atividade em sua realização e a normaliza. Tornando a atividade visível em sua complexidade, a escrita constrói o nível de expertise que o exercício do trabalho necessita. Os « estudos de caso », os « testemunhos » permitem responder os problemas encontrados no cotidiano. É o tipo de artigo que se encontra, por exemplo, nas revistas de enfermagem. Entretanto, a formatação da prática na escrita supõe uma capacidade de distanciamento e de conceitualização, sem a qual a experiência não é transferível e somente pode ser reproduzida de forma idêntica a ela própria (JOBERT ; REVUZ, 1990).

Em medicina, as revistas destinadas aos profissionais generalistas valorizam certos formatos de texto com enunciação específica (resumos breves, estrutura aparente do texto apoiada em títulos e intertítulos em negrito, boxes e enquadramentos apresentando o que precisa ser

observado e apreendido, referências bibliográficas complementares), permitindo o acesso ao que é essencial e funcionando como instrumentos de apoio para a resolução de problemas e formação permanente. Relatar o que foi experimentado pode supor um retorno de leituras ou de técnicas, trocas entre pares ou com um profissional mais qualificado, notadamente no meio médico, ou ainda o esforço pedagógico para explicar por palavras o que não pode ser visto.

O texto, no esforço de sua construção como mediador de uma situação concreta, transforma-se em dispositivo que contribui não apenas para compartilhar uma experiência vivida, como também para aumentar os conhecimentos de quem o produz. Dessa forma, pela escrita e pelo compartilhamento de casos, elabora-se uma forma de expertise tanto do autor, quanto do leitor, uma vez que este último pode se apropriar da experiência do outro. O dispositivo é, pois, info-comunicacional, porque ao produzir uma mediação da experiência, contribui no crescimento e na apropriação dos conhecimentos.

O almanaque

O almanaque é uma publicação de presença secular no mundo ocidental, que abriga um gênero de narrativa e de representação informacional próximos de uma enciclopédia popular, com uma mistura de diferentes formas de enunciação e de organização de saberes e discursos vários. Existem os que percebem nas características dos almanaques algo que os aproxima das tecnologias e arranjos textuais presentes no mundo virtual atual. Devido ao seu formato não linear, seriam precursores dos entrelaçamentos dos hipertextos. De fato, suas marcas e pausas de leitura, remetimentos, citações, lembram a estrutura e os elos dos textos digitais em rede, ao apontarem pistas e caminhos para múltiplas leituras e aprofundamentos úteis, de acordo com os interesses do leitor. Embora vinculado a tradições arcaicas, o almanaque traz sempre a ideia de modernidade, tanto pela conjugação de um conteúdo fragmentado, quanto pela associação palavra-imagem-ideia (FERREIRA, 2001 ; MARTELETO ; NÓBREGA ; GUIMARÃES, 2009). Sua proximidade em relação às novas tecnologias é atribuída tanto ao seu processo de construção – seleção de temas e linguagens diversos, organização textual, redação e edição – quanto ao modo remissivo de leitura que ele suscita, além da sua utilidade prática para os leitores.

A produção de almanaques enquanto dispositivos de informação e comunicação em saúdeⁱⁱ teria o fim de representar os processos de construção compartilhada de conhecimentos (MARTELETO, VALLA, 2003) para obter a compreensão necessária dos problemas de saúde, por meio dos saberes científicos, práticos, históricos, midiáticos, populares. Sua confecção, no ambiente das pesquisas, demanda uma « permanência dialogada », no tempo e no espaço, entre diferentes atores : pesquisadores, profissionais, grupos e organizações sociais, conselhos de saúde, movimentos sociais, na medida em que se busca alcançar a formulação de um « terceiro conhecimento » capaz de representar as mediações e as disputas simbólicas sobre os sentidos biológicos, sociais e políticos das situações de adoecimento e de cuidados na saúde. A « terceridade » do conhecimento estaria associada aos diferentes pesos de legitimidade e de poder das formas de conhecer, e ainda às possibilidades de formação de elos cognitivos e simbólicos entre os saberes de cada parte para intervir na formulação de ações sobre a saúde.

Nesse caso, os almanaques são dispositivos que se prestam à confrontação, interpretação e reedição de conhecimentos para a sistematização de sabedorias, experiências e práticas, a partir do reconhecimento da assimetria histórica estabelecida entre os saberes dos especialistas e profissionais da saúde em relação às culturas populares. As práticas info-comunicacionais de produção, leitura e apropriação compartilhadas dos almanaques levam a que se percebam e se discutam a hierarquização de saberes presentes no campo da saúde,

desde a pesquisa e a produção dos conhecimentos, a formação dos profissionais, as políticas de atenção à saúde, as tecnologias e os sistemas de informação, dentre outras.

A construção compartilhada de um experimento informacional como o almanaque permite entrever certos elementos presentes nos conflitos e alianças entre formas de saber e de representar a noção de saúde, tais como : a) a tensão entre discurso (ou a linguagem autorizada de especialistas, gestores e profissionais) e narrativa (ou a linguagem do mundo da vida e da experiência) ; b) os contrastes e interações entre as partes, gerando uma prática social que se poderia nomear como « narrativas informacionais » para intervir nas ações de saúde ; c) as identidades e representações comunitárias que se formulam a partir de um ambiente externo de informação, como o das mídias, do poder público e da sociedade, que podem gerar ou estimular estereótipos, capazes de estimular ou frear as ações. Por exemplo, a representação do espaço comunitário de habitação como lugar de violência (FERRAZ, 2002) ou a estigmatização das identidades dos seus habitantes, sobretudo da população jovem (MARTELETO, 2009).

De forma diferente dos dispositivos de informação e comunicação produzidos de maneira unidirecional, os almanaques querem demonstrar a polissemia de vozes, linguagens e conteúdos enunciados pelos diferentes atores ; o processo e contexto de sua construção compartilhada ; sua intenção de propor o diálogo entre diferentes saberes para a enunciação e a apropriação dos discursos, narrativas e informações sobre a saúde. Nessa perspectiva, os almanaques não são distribuídos depois de produzidos nos processos das pesquisas, mas lidos coletivamente em oficinas de leitura e apropriação, com a mediação de atores acadêmicos, profissionais e comunitários. Logo, seu intento é confrontar, interpretar e reeditar saberes, projetos e questões para encontrar formas de sistematização dos conhecimentos práticos construídos no meio cultural do cotidiano comunitário e institucional dos grupos populares em suas redes sociais.

Os dois tipos de produtos selecionados – a revista profissional e o almanaque – servem para refletir a respeito da estrutura relacional e interativa dos dispositivos info-comunicacionais e das mediações cognitivas, técnicas e simbólicas dos seus processos de construção e apropriação, sintetizados nos seguintes elementos : a) a configuração de uma multiplicidade de saberes, práticas e experiências vividas em contraponto à compartimentação e hierarquização de conhecimentos presentes no mundo institucional ; b) os elos mútuos e as trocas entre as formas de saberes, fundados no diálogo e no estranhamento entre os atores, seus discursos e narrativas ; c) as releituras e reutilizações dos dispositivos em cada uma de suas reformatações, fixando elos entre formas canônicas e contemporâneas de difusão de conhecimentos ; d) a percepção das zonas de mediações presentes nos processos de produção, difusão e apropriação de dispositivos, em suas dimensões culturais, técnicas e sociais ; e) a reedição dos dispositivos conservando as suas marcas de autoria, escrita e contexto de produção para novas ressignificações e formatações.

Conclusão

Os conceitos de dispositivo e mediação foram associados, nesse artigo, aos múltiplos processos que permitem formular a informação, transformá-la em conhecimentos e produzir ferramentas e procedimentos para a sua ordenação, organização, difusão e apropriação. No contexto social e histórico mais recente, considera-se geralmente que a formulação dos sentidos, o acesso às informações e a criatividade dos saberes construídos socialmente estão quase sempre associados à disponibilidade e ao manejo de tecnologias de informação e de comunicação. Forçoso é reconhecer que existem fortes tensões entre duas perspectivas relacionadas aos elos entre tecnologia, comunicação e informação. De um lado, uma abordagem tecnocentrada que privilegia os emissores ou os produtores da informação

enquanto referentes midiáticos que apontam o progresso e decidem a história. De outro, uma abordagem sociocentrada, com uma compreensão da informação, da comunicação e da produção de conhecimentos a partir das (re) produções realizadas pelos atores sociais com os referentes informacionais (OROZCO GÓMEZ, 2002).

Face a essas posições dicotômicas, seria útil refletir sobre as mediações dos dispositivos de informação e comunicação em saúde formulando a questão que, segundo Jeanneret (2007), permanece impensada no contexto atual, qual seja, das relações que podem se estabelecer entre os dispositivos técnicos e as práticas sociais de informação e compartilhamento de saberes, o que demandaria a adoção de uma postura cultural diante das inovações técnicas, « porque é no âmbito da questão mais ampla dos saberes que o estatuto da informação, no sentido cultural e social do termo, poderá se definir (JEANNERET, 2007 :17). Daí a importância de se considerar o documento e seu caráter de suporte, memória e registro, além de suas mutações no tempo e no espaço, para entender as marcas, as técnicas, os usos e as escritas inerentes aos dispositivos de informação e comunicação.

Uma precisão epistemológica final é de relevância especial para o estudo dos dispositivos e das mediações : a aderência teórica e prática entre os conceitos de informação e comunicação, no interior das disciplinas que acolhem e constituem tais noções como objetos de estudo. Na França quanto no Brasil, existe um esforço (inter) disciplinar para que esse campo de estudos se constitua enquanto um domínio do conhecimento que contribui para uma « exploração simbólica » de nossas sociedades, não a partir de uma metateoria desse funcionamento, mas de uma produção de conhecimentos sobre as formas e modalidades desse funcionamento, o que leva a situar a pertinência e a validade dos conceitos estudados – mediação e dispositivo – no interior de um campo de pesquisas em diálogo com diferentes áreas e disciplinas, como a saúde. Foi esse o intento dessa escrita sobre as mediações e os dispositivos de informação e comunicação para a apropriação de conhecimentos e a coordenação das ações humanas.

Referências

AGAMBEN, G. **Qu'est-ce qu'un dispositif ?**. Paris : Ed. Payot & Rivages, 2007.

ALMEIDA, M. A.. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, p. 01-24, 2008.

Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci>>. Acesso: fev. 2013.

BAREL, Y.; CAUQUELIN, A. Concepts transversaux. In: SFEZ, L. **Dictionnaire critique de la communication**. Paris: Presses Universitaires de France, p. 179-290, 1993.

BEUSCART, J.S.; PEERBAYE, A. Histoire des dispositifs (Introduction). **Terrains & Travaux**, Paris, n. 11, p. 3-5, 2006. Disponível em:

< http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=TT_011_0003>. Acesso em: fev. 2013.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983

CHANTRAINE, O. Les écritures professionnelles ou la difficile synthèse des normes communicationnelles hétérogènes. **Etudes de communication (Bulletin du CERTEIC)**, nº13, 1992, p. 139-155.

COTTE, D.; DESPRES-LONNET, M. Information et document numérique. Entre métaphore et matérialité. **Sciences de la Société**, n.68, p. 81-92, 2006.

- COURBIERES, C. ; REGIMBEAU, G. Entrées pour le document: praxis, matières et formes sociales. **Sciences de la Société**, n.68, p. 3-10, 2006.
- COUZINET, V. Les dispositifs : question documentaire. In : GARDIÈS, C. (org.). **Approche de l'information-documentation** : concepts fondateurs. Toulouse : Cépaduès-Éditions, 2011.
- COUZINET V. Dispositifs info-communicationnels : contributions à une définition. In : COUZINET, V. (org.). **Dispositifs info-communicationnels : questions de médiations documentaires**. Paris : Hermès , Lavoisier, 2009, p. 19-30.
- COUZINET, V. **Médiations hybrides: le documentaliste et le chercheur en sciences de l'information**. Paris, ADBS Éditions, 2001.
- COUZINET V. ; MAROUKI M. La revue professionnelle: contribution à une définition. In: COUZINET, V. (dir.) **Revues: cas et figures (recherche en cours)**, 2013-
- COUZINET V., SENIE-DEMEURISSE J. Enjeux scientifique de la diffusion des recherches par l'Institut pour l'information scientifique et technique (INIST). In : COUZINET, V.(org.). **Dispositifs info-communicationnels : questions de médiations documentaires** /Couzinet V. dir. Paris : Hermès , Lavoisier, 2009, p. 141-188.
- DAVALLON, J. Conclusion. In : DAVALLON, J. (Org.). **L'économie des écritures sur le web**. V. 1 : Traces d'usage dans un corpus de sites de tourisme. Paris : Hermès, Lavoisier, p. 243-269, 2012.
- DAVALLON, J. La médiation : la communication en procès ? Paris, **MEI-Revue Internationale de Communication**, Médiations et médiateurs, n. 19, p. 37-60, 2004.
- FABRE, I. ; GARDIÈS, C. Dispositifs info-communicationnels et ambition cognitive. : exemple de l'enseignement agricole. In : COUZINET, V. **Dispositifs info-communicationnelles: questions de médiations documentaires**. Paris : Hermès-Science, Lavoisier, p. 71-106, 2009.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. **MATRIZES**, v.1, n.2, p. 89-105, 2007.
- FERRAZ, S. M. T. ; NUNES, G. A mídia propõe novo roteiro de leitura para a Cidade Maravilhosa. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, GREM- João Pessoa/PB, v. 1, p. 44-60, 2002.
- FERREIRA, J.P. Almanaque. In: MEYER, M. **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 19-22, 2001.
- FOUCAULT, M. Le jeu de Michel Foucault [entretien avec D. Colas et al]. **Ornicar? Bulletin périodique du champ freudien**, n.10, p.62-93, juillet, 1977.
- FOULQUIÉ, P. **Diccionario del lenguaje filosófico**. Barcelona: Editorial Labor, 1967.
- FRAYSSE, P. Outils, documentation et ressources pédagogiques : un dispositif info-communicationnel de l'éducation, le SCEREN. In : COUZINET, V. **Dispositifs info-communicationnelles : questions de médiations documentaires**. Paris : Hermès-Science, Lavoisier, p. 33-70, 2009.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. O caráter seletivo das ações de Informação. Rio de Janeiro, INFORMARE - Cad.Prog.Pós-Grad.Ci.Inf., v.5, n.2, p.7-30, 1999.
- JEANNERET, Y. Médiation. In: **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, p. 105-107, 2005.
- JEANNERET, Y. **Y-a-t-il (vraiment) des technologies de l'information?**. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2007.
- JOBERT, G.; REVUZ, C. Ecrire, l'expérience est un capital. **Etudes de Communication**: langages, information, médiations, v. 11, 1990. Disponível em: <<http://edc.revues.org/2812>>. Acesso em: fev. 2013
- LOPES, M. I. V. La investigación en comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. **Diálogos de la Comunicación**, v. 74, p. 3, 2007.
- MARTELETO, R.M. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, v. 12, 2007. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1785>>. Acesso em: mar. 2013
- MARTELETO, R. M. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **RECIIS. Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde**, v. 3, p. 17-25, 2009. Disponível em: <<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/275/316>>. Acesso em: fev. 2013
- MARTELETO, R. M., NÓBREGA, N. G. Les documents et leurs appropriations. Réflexions sur "information-document" et "réserve symbolique". **Sciences de la Société**, v. 68, p. 29-43, 2006.
- MARTELETO, R.M.; NÓBREGA, N.G., GUIMARAES, C. Almanaque da Dengue : conhecimento, informação e narrativas de saúde. In : MARTELETO, R.M. ; STOTZ, E. N. **Informação, Saúde e Redes Sociais** : diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro : Ed. Fiocruz, Belo Horizonte : Ed. UFMG, p. 83-106, 2009.
- MARTELETO, R. M. ; VALLA, V. V. Informação e Educação Popular: o conhecimento social no campo da saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 08, n. 1, p. 08-21, 2003.
- Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/issue/view/17>>.
- Acesso em: jan. 2013.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MARTIN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.
- METZGER, J.P. Les trois pôles de la Science de l'information. **Actes du Colloque International MICS-LERASS Recherches Récentes en Sciences de l'Information: convergences et dynamiques**. Toulouse, 21-22 mars 2002, ABBS, p. 17-28, 2002.

MINAYO, M.C.S. Saúde e doença como expressão cultural. In: AMÂNCIO FILHO, A; MOREIRA, M.C.G.B. **Saúde, trabalho e formação profissional**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1997, p. 31-39.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, n. 23, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37017>> Acesso em: abr. 2013.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G.. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Datagramazero** –Revista de Ciência da Informação, v.11, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr10/Art_03.htm>. Acesso em: fev. 2013.

PARROCHIA, Daniel. **Philosophie des réseaux**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

PEETERS, H.; CHARLIER, P. **Contributions à une théorie du dispositif**. Paris, n. 25, p.15-23, 1999.

REY, A. Dispositif. In: **Dictionnaire historique de la langue française**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1995.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

STOTZ, E.N.; DAVID, H. M. S. L.; BORNSTEIN, V. J. Educação popular em saúde. In: MARTINS, C.M. (Org.). **Educação e saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007, p. 35-71.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

_____. Semiose de la mediatización. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MÍDIA E PERCEPÇÃO SOCIAL. 1998, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Unesco, 1998.

ⁱ Desde o ano de 2005 estabeleceram-se elos e parcerias entre os pesquisadores das duas equipes, os quais deram origem à constituição de uma rede de pesquisadores que elegeu como objeto de estudo as mediações e os usos sociais de saberes e informações (Rede Mussi). Suas iniciativas e estudos conjuntos vêm adquirindo notoriedade na França e no Brasil, além de outros países, nas áreas de Ciências da Informação e da Comunicação. As autoras do artigo são responsáveis científicas da Rede Mussi, respectivamente, pelo Brasil e pela França.

ⁱⁱ O primeiro dispositivo construído de forma compartilhada foi o “Almanaque da Dengue”, no âmbito da pesquisa interdisciplinar e interinstitucional PPGCI/IBICT/UFRJ e ENSP/FIOCRUZ, “Gestão do conhecimento e da informação na intervenção social: as redes de movimentos sociais no campo da educação popular e saúde”, entre 2001 e 2003. O segundo resultou da pesquisa interdisciplinar e interinstitucional PPGICS/ICICT/FIOCRUZ , FAE/UERJ, EPSJV/FIOCRUZ “Almanaque do Agente Comunitário de Saúde: produção, sistematização e difusão de conhecimentos numa perspectiva da informação”, entre 2008 e 2010. Ambos os projetos receberam o financiamento do CNPq/MCTI.

Recebido: 16.04.2013

Aceito: 07.06.2013